



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6540 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

**A DIDATIZAÇÃO DO CORDEL NO LIVRO DIDÁTICO DESTINADO A EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS, ADULTAS E IDOSAS**

Debora Amorim Gomes da Costa-Maciel - UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO

Nilma Ferreira de Moura - UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO

Thays Fernanda Alves Soares Bezerra - UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO

Agência e/ou Instituição Financiadora: FACEPE/CNPq

**A DIDATIZAÇÃO DO CORDEL NO LIVRO DIDÁTICO DESTINADO A EDUCAÇÃO DE PESSOAS JOVENS, ADULTAS E IDOSAS**

**INTRODUÇÃO**

Como o livro didático destinado à educação de pessoas jovens, adultas e idosas didatiza o gênero textual cordel? Este questionamento surge de uma investigação documental desenvolvida por nós na coleção de livro didático “EJA Moderna” (2013) destinada à alfabetização de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EJAI). Imersas na pesquisa, observamos a presença do cordel na proposta do livro, contemplando um conjunto de estratégias que pareciam ser uma aproximação dos critérios/exigência do Programa Nacional do Livro Didático destinados a EJAI (2010) referentes à valorização da diversidade/da pluralidade das culturas regionais.

O cordel é um gênero de texto narrativo que caminha entre a oralidade e a escrita. Curran (2009, p. 17) o define como “uma poesia folclórica e popular com raízes no Nordeste do Brasil”. O referido gênero distingue-se de outras formas de poesia oral (como o repente, desafios de cantadores ou as loas de maracatu) por ser escrito e impresso, contudo, uma das suas principais características são as marcas da oralidade informal no texto (CAVALCANTE, 2019).

No contexto da sala de aula, podemos conceber o gênero cordel como, nas palavras de Dolz e Schneuwly (2004), um *megainstrumento* de ensino da língua que podem auxiliar o aluno(a) e ao professor(a) em um trabalho consistente com a língua. O trato com o cordel no contexto do livro didático destinado a EJAI é indispensável, pois a sua didatização pode favorecer a ampliação de habilidades linguísticas e contribuir com uma maior aproximação

identitária com a cultura do nordeste brasileiro, ceiro étnico de multiplicidades. (CAVALCANTE, 2019).

Nessa direção, debruçamo-nos sobre o livro didático EJA Moderna (2013) com o objetivo de refletir como é proposta a didatização do gênero cordel na referida coleção. Nossa inclinação para investigar tal questão aporta-se na clareza de que “quanto mais precisa a definição das dimensões ensináveis de um gênero, mais ela facilitará a apropriação deste como instrumento e possibilitará o desenvolvimento de capacidades de linguagem diversas que a ele estão associadas”. (SCHNEUWLY; DOLZ, p. 76, 2004). De acordo com o Base Nacional Curricular Comum (BRASIL, 2018), os gêneros devem ser tratados no contexto da sala de aula considerando uma variedade de protótipos que circulam nos diversos campos de atividades humanas.

Com vistas ao alcance do objetivo traçado, desenvolvemos metodologicamente uma investigação documental sob ótica qualitativa (BARDIN, 1977). Escolhemos a pesquisa documental por ser ela uma técnica que desvela aspectos novos de um tema ou um problema. Ela deve permitir a localização, a identificação, a organização e a avaliação das informações contidas no documento, a partir de um reflexo objetivo da fonte original, além apresentar os fatos contextualizados (LUDKE e ANDRÉ, 1986). Justificamos a opção pela abordagem qualitativa, porque compreendemos que ela, segundo Minayo (1994, p 21, 220), compreende “o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”. Tais dimensões encontram-se também nos livros didáticos, documento situado em um contexto histórico destinado a sujeitos contextualizados.

Nessa direção, tomamos a coleção de livro EJA Moderna (2013), organizada em 3(três) volumes. O gênero cordel é apresentado nos volumes 1 e 3 da obra. Como recorte deste trabalho, apresentamos qualitativamente um exemplar didático proposto no volume 3, pois ele é ilustrativo das estratégias mobilizadas pela coleção para tratar o cordel. A motivação para a análise da coleção se deu pelo fato de ser ela a obra adotada por 6(seis) municípios que compõem a Mata Norte de Pernambuco, região Nordeste do país, o que nos mostra certo predomínio de uma mesma colação em um mesmo contexto regional.

Organizamos este texto, inicialmente, traçando um perfil teórico que aporta nossa discussão. Em seguida, trouxemos os resultados da investigação em que descrevemos e analisamos os dados apresentados na obra. Por fim, a apresentamos as conclusão do trabalho e as referências do material teórico que embasaram nosso estudo.

## **DESENVOLVIMENTO**

Conforme sinalizamos em nossa introdução, os gêneros textuais são formas pelas quais a comunicação acontece. Eles são fenômenos históricos e culturais flexíveis às necessidades humanas, que contribuem para “ordenar e estabilizar a comunicação” (MARCUSCHI, 2010, p. 19). O gênero textual pode ser entendido como “um pré-acordo de um grupo social sobre o modo de realizar algo linguística e discursivamente por meio de textos” (MARCUSCHI, 2008, pág. 196), ou seja, constituem-se sob o intuito de atender as demandas sociais de comunicação (DOLZ E SCHNEUWLY, 2004).

O cordel, enquanto gênero da tradição oral constituiu-se historicamente no Brasil a partir da chegada dos colonizadores portugueses. Galvão (2010, p. 27) pontua que “[...] a denominação ‘literatura de cordel’ foi atribuída aos folhetos brasileiros, pelos estudiosos, a

partir de um tipo de literatura semelhante encontrado em Portugal”. Dessa forma, é inegável a “[...] influência do cordel português na constituição da literatura de folhetos brasileira” (GALVÃO, 2010, p. 30).

O cordel, termo que remete ao cordão no qual os folhetos eram pendurados para serem vendidos nas feiras (CAVALCANTE, 2019, p. 30) “não se refere estritamente a um gênero literário, mas a um gênero editorial, aludindo ao aspecto material e sobre as formas de venda dessas publicações”. Para o autor, eles são práticas orais de contar ou jogar difundida no Brasil, porém, com formas específicas em cada região. No nordeste, os folhetos nordestinos “compõem-se com uma forma específica de, por algumas vezes, (re)contar histórias modificando sua forma e adaptando-a ao jeito brasileiro, mas, sobretudo, constituir seu próprio *corpus* através ‘de alguns homens pobres e talentosos’ ” (ABREU, 1999, p. 136).

Para Curran (2009, p. 17), o cordel reflete “características tanto populares quanto folclóricas, ou seja, é um meio impresso, com autoria designada, consumido por um número expressivo de leitores numa área de geográfica ampla, enquanto exhibe métricas, temas e performance da tradição oral”. Suas temáticas partem da realidade e podem caminhar sob infinitas outras com teor fictício ou não (romances, histórias, acontecimentos, notícias) bem como podem adotar diferentes vieses, que contemplam as dimensões de criticidade ao abordar temáticas sociais, questões políticas e até mesmo de cunho religioso. Assim sendo, “o poeta é porta-voz e reflexo do meio no qual está inserido, das suas experiências enquanto autor, narrador observador e personagem” (CAVALCANTE, 2019, p. 34).

A multiplicidade de narrativas que o gênero cordel pode apresentar, bem como a criticidade vinculada as temáticas torna-o numa “fonte didática e educativa” (CAVALCANTE, 2019, p. 34), que promove não só as habilidades linguísticas e a criticidade como também a produção da artística. Sob essa óptica, os cordéis também podem aparecer nas propostas de livros didáticos. Estes que se configuram como um dos principais suportes de acesso aos gêneros textuais orais e escritos presentes no contexto escola.

Os livros didáticos, pensados com a finalidade de dar suporte ao trabalho docente, ganham configurações específicas, considerando cada público a que é destinado. No caso da EJAI, as obras devem atentar para o perfil de um público alvo que há muito lhe foi negado o direito a uma educação formal como consequência da desigualdade instaurada ou, na maioria dos casos, a falta de oportunidades para o ensino em idade regular. No contexto da EJAI, os livros didáticos também podem ser uma ferramenta importante para a superação de desafios relacionados à alfabetização e ao letramento de uma população formada por homens e mulheres trabalhadoras, pobres, negros(as), desempregados(as), subempregados(as), (i)migrantes, indígenas, pessoas privadas de liberdade (encarcerada) que, por diferentes motivos, não acessaram plenamente o direito a educação (FREIRE, 1999; ARROYO, 2005).

## RESULTADOS DA PESQUISA

Uma vez que este trabalho teve como objetivo refletir sobre a didatização do gênero cordel na coleção EJA Moderna (2013), debruçamo-nos sobre a obra em tela e selecionamos como extrato qualitativo o cordel trazido no primeiro capítulo do terceiro volume da coleção EJA Moderna (2013), seção identificada como “Contando em versos” (262-272). O capítulo do livro é introduzido com uma xilogravura, anunciando as marcas culturais do gênero. Essa arte é tomada, no primeiro momento, como introdutória de uma conversa informal entre alunos(as) e professor(a), sondando, a partir da imagem, algumas questões prévias dos(as)

estudantes sobre o obra. Dentre as perguntas, vemos: “O que está sendo retratado nessa xilogravura? Que sensações ela provoca?” (p. 262).

Entendemos que essa introdução feita a partir da xilogravura é um momento intencional de diálogo entre imagem e texto, uma vez que a literatura de cordel também pode ser considerado um texto multimodal, dado que “[...] o texto multimodal é aquele cujo significado se realiza por mais de um código semiótico (signos linguísticos, signos sonoros, signos imagéticos)”, conforme Cavalcante (2012, p. 99). Tal dimensão pode ser observada na materialização do gênero, nos recursos imagéticos que compõem o diálogo entre as diferentes linguagens composicionais. É um movimento de construção de sentido harmonizado entre texto (com recursos ligados a diferentes fontes, tamanhos de letras etc.) e as ilustrações.

Ao prosseguirmos com a análise, observamos que o livro traz, no topo da página, o gênero cordel (p. 263), seguido por um trecho da letra de um *rap* intitulado “Racismo é burrice” de Gabriel o Pensador (p. 264) e cordel “A realidade da vida” de Patativa do Assaré (p. 265). O *rap* e o cordel aparecem como condutores para a discussão da temática, que passa a ser estimuladas a partir das seguintes questões: “3. Esse texto é escrito como os textos que vocês normalmente leem? O que ele tem de diferente? 4. Que mensagem é transmitida nesse texto? Vocês concordam com ela? Por quê? 5. Releia o *rap* de Gabriel o pensador e o texto de Patativa do Assaré. O que eles têm em comum?”.

Após a apresentação dessas questões, que devem ser discutidas em pequenos grupos (p. 265), o livro apresenta uma definição do gênero cordel, dizendo ao(a) aluno(a) que ele se caracteriza como “um tipo de manifestação artística tradicional da cultura do Nordeste do Brasil” (EJA MODERNA, 2013, p. 265). Essa definição é seguida pela indicação do estilo do texto (versos), das temáticas (cotidiano, acontecimentos sociais, políticos e religiosos), meio de circulação (folhetos e livros) e ainda das ilustrações típicas (xilogravuras).

Posteriormente, a obra apresenta um quadro que trata da impressão dos cordéis e de elementos semióticos que compõem a construção de sentido do texto, bem como de algumas curiosidades sobre a origem termo cordel, que se refere ao uso de cordas, barbantes etc, no qual, tradicionalmente, o livreto era (é) exposto para ser vendido. Esse movimento parece buscar recuperar, dentre outras questões, o que Cavalcante (2019) chama a atenção ao afirmar que o gênero está atrelado ao seu modo de circulação, ou seja, folhetos impressos, pendurados e expostos em feiras populares, por exemplo.

Imersas na proposta da obra, enxergamos um movimento didático que envolve algumas dimensões específicas de ensino de língua, a partir do trato com o gênero cordel. São questões ligadas a 1) variação dialetal; 2) produção textual; 3) auto-avaliação da produção; e 4) divulgação do texto produzido.

No tocante a variação linguística, a obra inicia um processo de interpretação do tipo de linguagem formal e/ou informal empregada nos textos (p. 267), como por exemplo, na atividade 8, a obra solicita que os(as) alunos(as) releiam alguns cordéis apresentados e pede que eles(as) observem se os textos “[...]empregam a linguagem formal ou informal? Justifiquem com trechos dos textos” (p. 268).

Nesse contexto, o livro apresenta uma proposta identificada como “Marcas de oralidade no cordel” (p. 268). O foco principal é no registro informal empregado pelos(as) usuários(as) da língua na construção do gênero cordel (p. 269). Destacaremos neste texto 3 (três) questões apresentadas: “Discutam sobre esta questão: a linguagem utilizada nesses textos caracteriza o modo de falar de uma região específica? Anotem suas conclusões. Em que situações não seria adequado utilizar esse modo de falar? Em que medida podemos tratar dessa temática sem utilizar do recurso de apoiarmo-nos nas marcas regionais na fala?”(p.

269).

Para sistematizar a reflexão, a obra explicita ao aluno(a) que “não há apenas um modo de falar e escrever usando a língua portuguesa. Podemos empregar variedades linguísticas”. (MODERNA, 2013, p. 270). A obra prossegue afirmando que “é importante conhecer a variedade padrão da língua e as situações em que é mais apropriado utilizá-la. Nos textos escritos, predomina o uso da norma padrão. Porém, na literatura, é comum que algumas normas não sejam seguidas para causar alguma reação no leitor”. (MODERNA, 2013, p. 270).

Consideramos importante as estratégias da obra em possibilitar o olhar sobre diferentes variáveis constitutivos para o fenômeno da variação, dentre elas, a regionalidade, o contexto de produção (POSSENTI, 2000), o que pode favorecer uma reflexão sobre a “diversidade de produções orais existem, principalmente, em função da situação em que o discurso se realiza.” (MILANEZ, 1993, p. 25). Contudo, advertimos para o perigo de se afirmar que “Nos textos escritos, predomina o uso da norma padrão” (MODERNA, 2013, p. 270), pois, segundo Marcuschi (2005), na vida diária o uso da escrita informal tem uma enorme presença, como no caso das cartas, bilhetes, listas, preenchimento de dados etc.

Marcuschi (2005) afirma que na vida da maioria das pessoas, o uso informal da escrita é muito elevado e predomina sobre o uso formal, embora a maioria dos escritos informais tenha uma durabilidade muito curta e logo sejam destruídos. O que se costuma guardar são registros de uso formal da língua, tais como os livros, as revistas e os documentos maiores como os códigos, as enciclopédias, os compêndios, etc.

No contexto do trabalho com o cordel, também observamos a preocupação da obra com a atividade de produção textual (p. 272). Com este eixo, a proposta é orientada a partir de estratégias que envolvem a) Planejamento da escrita e b) Divulgação Textual.

No tocante ao planejamento, o(a) aluno(a) é orientado a escolher um tema (questões sociais, políticas, religião, afeto), e estilo de escrita (humorada, irônica, provocativa etc.). Vemos que são dimensões atreladas a temáticas próprias da natureza do gênero cordel, que de acordo com Cavalcante (2019), refletem diferentes questões, adotando uma perspectiva crítica sobre elas. No percurso da produção, a dimensão estilística também deverá ser observada pelos(as) alunos(as). É a partir do contexto temático que eles(as) decidirão se a produção ganhará um viés humorístico, irônico ou provocativo, dimensões típicas do gênero que estará sendo elaborado.

Todas as etapas que envolvem o trato com o cordel deságuam na orientação para que a produção possa circular em outros espaços da escola, a partir da negociação com o(a) professor(a). Nesse contexto, a produção parece levar em consideração as raízes do cordel, a divulgação dos folhetos expostos em um varal no pátio ou corredor da escola/colégio, quando além de informar ao(a) aluno(a) que ele deverá escrever um cordel com um colega, eles(as) deverão expor o texto “em um varal no pátio ou no corredor do colégio”(EJA MODERNA 2013, p. 272). A ação de divulgação é precedida da orientação para que haja uma transcrição do texto em num papel “especial”, que entendemos como uma “folha” diferente daquela em que foi produzida a primeira versão.

Nessa direção, vemos uma clara atenção da coleção com elementos importantes do processo de escrita, ou seja, as instâncias de circulação e a promoção de interlocutores(as) para além dos(as) colegas da sala de aula. Portanto, a proposta cumpre a função de ajudar os(as) falantes a desenvolverem habilidades da escrita e a promoção da prática social da língua e da linguagem (ANTUNES, 2003).

## CONCLUSÃO

Neste artigo, comprometemo-nos em refletir sobre a didatização do gênero cordel na coleção EJA Moderna (2013). Com base em uma pesquisa documental, de cunho qualitativo, debruçamo-nos sobre a coleção de livro didático EJA Moderna(2013), adotada em um conjunto de municípios da Mata Norte de Pernambuco.

Nossa imersão na obra oportunizou-nos enxergar como a coleção opera no trato com o cordel, didatizando o gênero textual num contexto de educação de pessoas jovens, adultas e idosas, especificamente, no âmbito da alfabetização. O trabalho revelou diferentes estratégias propositivas que encaminham o contato do(a) aluno(a) com o gênero, mediado pelo livro. São estratégias que orientam o contato dimensões relativas a conteúdo temático, atividade de reflexão sobre a variedade linguística e de produção textual.

De modo geral, vemos um maior investimento em atividades de análise linguística, com atenção especial para a variedade dialetal e a atividade de produção textual. Neste último, vemos uma preocupação para dimensões relativas ao contexto de produção, tais como, esferas de circulação e interlocutores(as). Nesse processo, a avaliação da produção também é apresentado na obra como caminho favorável ao processo de reflexão a respeito do gênero. Em síntese, o tratamento didático do gênero cordel, pela obra, parece estar afinado com uma perspectiva de língua enquanto interação e de gênero como instrumento de apoio didático.

**Palavras-chave:** Cordel, didatização, alfabetização, livro didático.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. 8. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARROYO, Miguel Gonzáles. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia; GOMES, Nilma (orgs.) **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1ª edição, 2005. p. 19-50.

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercador de Letras, 1999.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdos**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular- Educação é a base. Ministério da Educação. - Brasília: MEC, 2016. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf). Acesso em: 26 janeiro 2017.

CAVALCANTE, M. C. L. **O cordel na sala de aula: uma proposta para o letramento literário**. 2019. 219 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

- CURRAN, M. J. **História do Brasil em Cordel**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- EJA MODERNA. **Educação de Jovens e Adultos**. Alfabetização. 1ed. São Paulo: Moderna, v.3, 2013, p. 207.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- GALVÃO, A. M. de O. **Cordel: leitores e ouvintes**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**. Atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MILANEZ, V. **Pedagogia do oral: condições e perspectivas para sua aplicação no português**. Campinas, SP: Sama, 1993.
- MOREIRA, Marco A. **Aprendizagem significativa crítica**. Porto Alegre. 2005
- SCNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de ROJO, R; CORDEIRO, G. S. Campinas: Mercado de Letras, 2004.